

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

MARCO ANTONIO RODRIGUES

TRANSFERÊNCIA E CONTRATRANSFERÊNCIA NO MINISTÉRIO PASTORAL

SÃO PAULO

2015

Marco Antonio Rodrigues

Transferência e Contratransferência no Ministério Pastoral

Dissertação de mestrado apresentado ao programa de Pós-Graduação e Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial para obtenção de mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Doutor Antonio Máspoli de Araujo Gomes

São Paulo

2015

R696t Rodrigues, Marco Antonio
Transferência e contratransferência no ministério pastoral / Marco
Antonio Rodrigues – 2015.
53 f.: il ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.
Orientador: Prof. Dr. Antonio Máspoli de Araujo Gomes
Bibliografia: f. 52-53

1. Transferência 2. Contratransferência 3. Aconselhamento
4. Ministério pastoral I. Título

LC BV4012.2

Marco Antonio Rodrigues

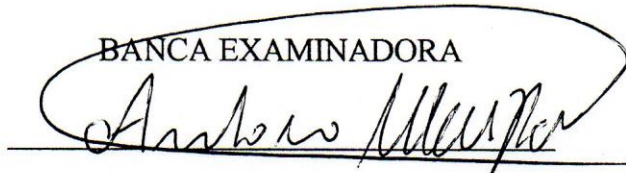
Transferência e Contratransferência no Ministério Pastoral

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof^o Dr^o Antonio Máspoli de Araújo Gomes.

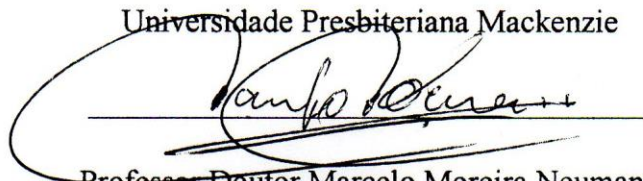
Aprovado em 26 de janeiro de 2016.

BANCA EXAMINADORA



Professor Doutor Antonio Máspoli de Araujo Gomes

Universidade Presbiteriana Mackenzie



Professor Doutor Marcelo Moreira Neumann

Universidade Presbiteriana Mackenzie



Professor Doutora Fátima Fontes

Universidade de São Paulo

Dedico ao bom Deus que sempre me conduz em triunfo e posso dizer que sobre minha vida é Senhor. Agradeço a minha esposa Luiza, com quem vivo há 25 anos uma intensa cumplicidade em amor, aos meus filhos Larissa e Luiz (presentes de Deus), a Igreja Presbiteriana de Caieiras (minha igreja) que há 17 anos têm me oferecido o privilégio de uma caminhada pela graça de Deus, aos meus pais Natanael e Lourdes, aos meus irmãos e sobrinhos, aos professores do Mestrado em Ciências da Religião e do curso de Psicologia que sempre me apoiaram, em especial meu orientador e amigo reverendo Antonio Máspoli e sua esposa Martha.

Agradecimentos

Aos meus familiares que com muita paciência caminharam comigo durante a pesquisa, aos membros da Igreja Presbiteriana de Caieiras que sempre me apoiaram, aos professores que acreditaram em mim e também me apoiaram, em especial o reverendo Máspoli, a professora Doutora Lídice Meyer Pinto Ribeiro por sua paciência e disposição em sempre nos atender e, principalmente a Deus que sempre proveu todas as coisas necessárias à realização deste trabalho.

Epígrafe:

“Você não pediu para nascer e não deseja morrer, aproveite o intervalo.”

Anônimo

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo verificar, a partir de pesquisa qualitativa realizada com pastores e psicólogos, do sexo masculino e feminino, religiosos ou não, a existência da transferência e contratransferência no ministério pastoral. O procedimento metodológico utilizado para a realização da pesquisa foi a aplicação de um questionário de múltipla escolha com vinte e uma perguntas relacionadas ao aconselhamento/terapia. Inicialmente foram contatadas quarenta pessoas que concordaram em participar e receberam o questionário por email enviado pelo Google docs sendo, dez pastores, dez pastoras, dez psicólogos e dez psicólogas voluntários para a pesquisa que receberam o termo de consentimento livre e esclarecido com informações sobre a pesquisa. As respostas eram enviadas para um planilha do excel. Vinte e cinco participantes responderam ao questionário, quatorze não se manifestaram e um envio email informando que não participaria por questões pessoais, o que é percebido como dado para a pesquisa, considerando que as questões causaram desconforto. Cinco participantes enviaram email demonstrando interesse em conhecer os resultados da pesquisa. A análise dos resultados também apontou para a diferença na formação dos profissionais, principalmente no que diz respeito ao cuidado e tratamento oferecido, bem como a compreensão desenvolvida por cada profissional diante dos eventos vivenciados. Diante dos resultados obtidos pela pesquisa e com base nas teorias apresentadas, pode-se inferir que os conceitos de transferência e contratransferência podem se manifestar no ministério pastoral, o que aponta para a necessidade de cuidados para com o pastor e maior investimento em sua formação acadêmica afim de que tais conceitos sejam conhecidos e entendidos ajudando aos ministros e também aos estudantes de teologia e aos conselheiros espirituais a entenderem algo mais de seus aconselhados e membros das comunidades para que possam ampliar seus conhecimentos e melhorar a qualidade de seu trabalho e de suas relações. Para tanto, é importante ampliar a pesquisa, estendendo a outras áreas de atuação e outras regiões oferecendo o material aos que se dedicam ao aconselhamento e a outros interessados a fim de melhorar a qualidade nos serviços prestados.

Palavras-chaves: Transferência. Contratransferência. Aconselhamento. Ministério Pastoral.

SUMÁRIO

1	- INTRODUÇÃO	10
2	- DEFINIÇÃO DE ACONSELHAMENTO	13
3	- O MINISTÉRIO PASTORAL E OS CONCEITOS PSICANALÍTICOS DE TRANSFERÊNCIA E CONTRATRANSFERÊNCIA	16
4	- TRANSFERÊNCIA, CONTRATRANSFERÊNCIA E ACONSELHAMENTO CRISTÃO.....	23
5	- OS TIPOS DE CONTRATRANSFERÊNCIA E OS RISCOS NA RELAÇÃO CONSELHEIRO- TERAPÊUTA/ACONSELHANDO	26
6	- PESQUISA SOBRE ACONSELHAMENTO / ATENDIMENTO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	30
7	- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
8	-GLOSSÁRIO	56
9	-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57

1 INTRODUÇÃO

O pastor evangélico é chamado de ministro do evangelho especialmente pelas igrejas históricas. O termo trás a ideia de vocação e chamado pelo próprio Deus para ser representante e ao mesmo tempo responsável pelo rebanho, o que o coloca também como líder de uma comunidade oferecendo-lhe privilégios e responsabilidades. Entre os privilégios e as responsabilidades encontra-se o papel do ministro nas relações humanas interpessoais seja com membros de sua comunidade ou de fora, considerando que a função muitas vezes é carregada de estereótipos e até mesmo mitos que impõe uma excessiva carga de santidade e capacidade para resolver demandas. O problema é que nem sempre sua formação e treinamento o credenciam para algumas demandas, pois, o título de ministro e as funções do ministério pastoral elevam a pessoa à uma posição de destaque em relação aos outros, o que exige qualidades, dons e qualificações que nem sempre são considerados pelo próprio ministro e pelos que o elegem.

Além do peso que a função impõe ao líder, percebe-se também que o aconselhamento ocupa lugar de importância no exercício do ministério. O que causa preocupação é o fato de que o ambiente que cerca a relação entre conselheiro e aconselhando pode ser permeado por considerável carga de emoção, angústia e sofrimento por parte do aconselhando. As demandas da comunidade são trazidas ao ministro que deve, dentro do que se espera dele por parte da comunidade, acolher, disciplinar e aconselhar com sabedoria aquele que sofre. Sendo assim, percebe-se que todas as principais circunstâncias que envolvem os membros de uma comunidade, sua vida espiritual, financeira, amorosa e principalmente familiar, estão a disposição do ministro.

Saindo da esfera religiosa, encontra-se o trabalho psicoterapêutico oferecido por psicólogos que também atendem as pessoas em suas principais demandas, destacando aquelas que produzem angústia e sofrimento. Entre os conceitos apresentados pela psicologia, em especial a psicanálise, tem-se dois conceitos ligados especialmente à relação do terapeuta e seu pacientes, trata-se da Transferência e da Contratransferência que estão ligadas aos conteúdos afetivos e emocionais dos atendidos que podem ser transferidos inconscientemente ao terapeuta que em sua formação acadêmica recebe preparo teórico e técnico para perceber, entender e lidar com tais manifestações.

A preocupação decorrente de tais fatos que envolvem a relação do ministro religioso, principalmente aqueles que trabalham com aconselhamento, somada a dúvida em relação ao

preparo emocional, acadêmico e não apenas teológico e espiritual do ministro e conselheiro para cuidar de tais demandas despertou interesse na realização da pesquisa em questão.

O trabalho teve como objetivo verificar, a partir de pesquisa qualitativa realizada com pastores e psicólogos, do sexo masculino e feminino, religiosos ou não, a existência da transferência e contratransferência no ministério pastoral. Considerando que tais conceitos psicanalíticos que ocorrem na relação terapêutica entre psicólogos e pacientes possa acontecer também na relação entre pastores e membros de suas comunidades, o que, se verificado, implica na necessidade de um estudo mais profundo do tema, pois, a atuação de tais conceitos consiste na transferência ou deslocamento de conteúdos inconscientes relacionados a experiências afetivas positivas ou negativas primitivas do aconselhando com figuras parentais que podem se deslocar para a figura do conselheiro e determinar o rumo do tratamento ou aconselhamento e afetar a relação entre eles.

A hipóteses iniciais suspeitavam que as questões emocionais, relacionais e afetivas, bem como situações de foro íntimo estão presentes e permeiam a relação pastoral com as ovelhas e com a liderança da igreja. As questões familiares, as relacionais em geral e até mesmo as questões íntimas ligadas à desejos e vícios se configuram como grandes demandas que se apresentam no aconselhamento pastoral. As demandas apresentadas facilitam a manifestação da transferência e da contratransferência nas relações pastorais, sobretudo com a liderança e no aconselhamento pastoral. O ministro não está preparado para lidar com manifestações transferências e contratransferências devido à falta de preparo acadêmico e treinamento para lidar com as demandas, o que pode acarretar em dano para o ministério pastoral e para a igreja.

Diante das hipóteses acima, os objetivos apresentavam o desafio de investigar a presença da transferência e da contratransferência no ministério pastoral e suas implicações na relação do ministro com a liderança da igreja e no aconselhamento pastoral, bem como realizar o levantamento do conceito psicanalítico de transferência e contratransferência nas diversas escolas psicanalíticas; compreender a psicodinâmica dos conceitos de transferência e contratransferência na prática pastoral e apresentar aos pastores elementos que os auxiliem no manejo da transferência e a contratransferência na prática pastoral.

O procedimento metodológico utilizado para a realização da pesquisa foi a aplicação de um questionário de múltipla escolha com vinte e um perguntas relacionadas ao aconselhamento/terapia praticado por pastores e psicólogos. Inicialmente foram indicados e contatados quarenta participantes, dez pastores, dez pastoras, dez psicólogos e dez psicólogas voluntários para a pesquisa que receberam o termo de consentimento livre e esclarecido com

informações sobre a pesquisa. Todos concordaram em participar e receberam o questionário por email enviado pelo Google docs, após responder às questões e clicar em enviar, o questionário com as respostas eram enviadas para um planilha do excel. Após dez dias de espera pelas respostas, vinte e cinco participantes devolveram o questionário respondido. Cinco participantes enviaram email demonstrando interesse em conhecer os resultados da pesquisa, um enviou email informando que não participaria mais da pesquisa por questões pessoais e quatorze não se manifestaram.

A análise e discussão dos resultados foram realizadas sobre as respostas obtidas pela amostra oportuna após encerramento do prazo estipulado, sendo entregues vinte e cinco questionários. A análise considerou os gêneros masculino e feminino para pastores e psicólogos, bem como a idade e formação acadêmica. Os resultados obtidos na pesquisa, indicaram a presença da transferência e da contratransferência no ministério pastoral e, pode-se inferir que os resultados poderão ajudar aos ministros e também aos estudantes de teologia e aos conselheiros espirituais a entenderem algo mais de seus aconselhados e membros das comunidades para que possam ampliar seus conhecimentos e melhorar ainda mais a qualidade de seu trabalho e de suas relações. Para tanto, é importante ampliar a pesquisa, estendendo a outras áreas de atuação e outras regiões, oferecendo o material aos que se dedicam ao aconselhamento a outros interessados a fim de melhorar a qualidade nos serviços prestados.

2 DEFINIÇÃO DE ACONSELHAMENTO

Todos os autores que oferecem definições e reflexões sobre aconselhamento destacam como premissa as relações interpessoais ligadas ao cuidado e ao manejo para com o outro visando seu bem estar, busca para a solução de problemas, conflitos, cura para as angústias e sofrimentos e até auxílio para planejamento financeiro e familiar.

O termo aconselhamento no grego é encontrado como Parákletos – consolar, exortar, ajudar com conselho, animar, encorajar, confortar. E também como Nouthésis – Admoestar, exortar, ensinar, repreender.

Pode-se encontrar vários textos e teses sobre aconselhamento, especialmente no campo religioso que a pelo menos dois séculos tem este tema. Porém, observando-se os escritos bíblicos, percebe-se que a prática do aconselhamento remonta aos primórdios na sociedade considerando a narração bíblica. Há vários relatos de aconselhamento narrados pelos escritores bíblicos, especialmente no velho testamento. Todos os conselheiros consultavam a Deus a fim de conhecer sua vontade e oferece-la ao aconselhando.

Silas Molochenco no livro “Aconselhamento”, Curso Vida Nova de Teologia Básica, 2008, considera o aconselhamento como uma arte e oferece reflexão e um manual de aconselhamento a partir de autores que tratam da matéria. Considera o aconselhamento como técnica recente de ajuda, tanto no meio religioso como no meio secular. Destaca pensamento de autores como Jay Adams que atribui exclusividade ao pastor para a prática do aconselhamento, e outros que consideram a psicologia como um agente importante na prática do aconselhamento. As definições oferecidas pelos diversos autores mencionados apontam para a mesma essência, o serviço, o cuidado, a ajuda, o sustento, a orientação, a exortação e acura do individuo. Também destaca que o aconselhamento deve ser concentrado no aconselhando e que a igreja é uma entidade curadora.

Molochenco apresenta o aconselhamento como sendo formal, caracterizado pelo encontro com o propósito de buscar de orientação, e a informal que acontece nos relacionamentos diários. Apresenta também algumas teorias de aconselhamento, destaca-se a noutérica, (nouthésis), admoestar, exortar. Introduzida por Jay Adams, atribui autoridade ao conselheiro cristão e eficácia apenas se aplicada ao individuo que seja cristão. Para molochenco, “ A vantagem da teoria noutética é que ela é altamente eficaz para a solução dos problemas de ordem espiritual e das dificuldades relacionadas com as questões de fé.”(2008, P. 50)

Outra teoria destacada é a diretiva que considera as questões ambientais como fatores importantes para as demandas do aconselhando, lançando mão do contato com pessoas ligadas a ele que possam auxiliar para o entendimento das demandas.

Entre os teóricos citados, desta-se Carl Rogers, psicoterapeuta que defende a percepção e o acolhimento da pessoa como pontos básicos para o aconselhamento. Destaca, “O relacionamento terapêutico para Carls Rogers é uma relação interpessoal em que o conselheiro tem como pontos básicos a preocupação de perceber e acolher o aconselhando, antes de tudo, como pessoa.”(2008, P. 67)

Molochenco apresenta alvos importantes do aconselhamento pastoral que apontam principalmente para as relações do indivíduo com ele mesmo, com o outro, com a natureza e com Deus.

Durante muito tempo o aconselhamento foi e ainda é visto como uma prática religiosa e ainda hoje muitos ligados às estruturas religiosas mantêm tal pensamento. Contudo, é importante perceber que a psicologia, inicialmente a psicanálise, surgiu como uma tentativa de estudar e explorar o ser humano em suas principais demandas em busca de compreensão e respostas para o sofrimento. Além da psicologia outras profissões e técnicas surgiram e ocuparam lugar no aconselhamento. Adolf Guggenbuhl – Craig, no livro “ O abuso do poder na Psicoterapia”, a ser apreciado à diante, destaca outras áreas de atuação e profissão que visam atender às demandas dos indivíduos e oferecem aconselhamento. Profissionais como os assistentes sociais, os conselheiros tutelares, os professores e os médicos recebem formação e são instruídos e preparados para a prática do aconselhamento, ainda que não seja de base cristã. Porém, considerando o sentido da palavra em sua origem, observa-se que o aconselhamento é uma prática universal que se estende a qualquer indivíduo de qualquer cultura independente de credo religioso.

O assistente social lida com demandas complexas que envolvem o indivíduo em áreas importantes da sua existência como a família, precisa cuidar de crianças, idosos e deficientes em situação de risco e às vezes é colocado na posição de conselheiro. O conselheiro tutelar, recebe o nome “conselheiro”, é indicado e eleito pela sociedade de acordo com a lei para zelar e cuidar dos direitos da criança e do adolescente. O professor, o pedagogo está entre os primeiros conselheiros da história, formando, capacitando e zelando pelo indivíduo. O médico, sempre requisitado para zelar e cuidar da saúde e do bem estar da pessoa, também atua como conselheiro. Outros também atuam formal ou informalmente como conselheiros, mesmo desconhecidos para o público, mas de grande valor para o sofredor que por ele foi amparado.

Portanto, o aconselhamento é uma prática milenar que transcende os primórdios da sociedade. Sempre existiram conselheiros e sua prática é de grande valia para a sociedade, porém, considerando a esfera religiosa e a psicológica, alvos principais desta pesquisa, destaca-se a necessidade de atentar para os benefícios e também os riscos que envolvem a prática do aconselhamento, especialmente na relação entre conselheiro/ aconselhado.

3 O MINISTÉRIO PASTORAL E OS CONCEITOS PSICANALÍTICOS DE TRANSFERÊNCIA E CONTRATRANSFERÊNCIA

O ministério pastoral é um termo usado para definir as funções de pessoas que foram separadas ou que se sentiram chamadas para exercer atividades pastorais em comunidades religiosas. O termo indica responsabilidades e privilégios aos que foram vocacionados para cumprir o papel de ministro.

Entre as exigências do ministério pastoral encontra-se o aconselhamento que, segundo Collins (1984), alguns pastores ocupam a função de conselheiro devido à procura por parte de pessoas que necessitam de ajuda. Enquanto outros oferecem aconselhamento por terem realizado treinamento especial a fim de servir aos outros.

Porém, é preciso observar que o ministério pastoral é cercado por perigos muitas vezes não percebidos, especialmente nas áreas que envolvem os relacionamentos interpessoais, principalmente entre o ministro e seus aconselhados.

Collins (1984) destaca a necessidade de se manter relações e que para alguns aconselhados, o conselheiro ocupará o lugar de melhor amigo.

Camaro (1997) em artigo publicado destaca que algumas pessoas ainda não amadureceram e lidam de forma inadequada com a vida. Observa também que as angústias e as dificuldades nas relações sociais do indivíduo tornam necessária a interferência de alguém com experiência para oferecer ajuda que pode ser encontrada no aconselhamento cristão. Para ele uma das finalidades do aconselhamento cristão é ajudar o ser humano a tomar consciência de suas dificuldades e enfrentá-las.

Tais argumentações demonstram os privilégios e responsabilidades do ministério pastoral, porém, podem esconder os riscos e perigos que cercam tais atividades.

A psicanálise, ciência que estuda e analisa o comportamento humano, apresenta conceitos importantes sobre a relação entre pacientes e analistas que podem ser aplicados também no ministério pastoral em suas relações. Trata-se dos conceitos de “Transferência e Contra transferência”.

O Dicionário Técnico de Psicologia define a transferência como:

“Atitudes, sentimentos e fantasias que um paciente experimenta, na situação analítica, em relação ao seu médico, muitas das quais emergem, de modo aparentemente irracional, de suas próprias necessidades inconscientes e conflitos psicológicos, em vez das circunstâncias reais de suas relações com o analista. Por exemplo: o paciente pode atribuir, inconscientemente,

características de seu pai, mãe, irmãos, etc. ao analista, enquanto este representará qualquer dessas pessoas em relação ao paciente”.

Segundo Freud, o paciente passa a dedicar sentimentos afetivos ao analista durante o tratamento analítico. Ele define tal atitude como transferência que pode ser tanto positiva como negativa. Segundo ele, a transferência deve ser interpretada e tem papel importante para o trabalho terapêutico. Afirma que:

“Se houvesse necessidade de outras provas da verdade de que as forças motivadoras por trás da formação de sintomas neuróticos são de natureza sexual, elas seriam encontradas no fato de, no decurso do tratamento analítico, formar-se regularmente entre o paciente e o médico uma relação emocional especial, relação que vai muito além dos limites racionais. Ela varia entre a devoção mais afetuosa e a inimizade mais obstinada e deriva todas as suas características de atitudes eróticas anteriores do paciente, as quais se tornaram inconscientes. Essa transferência, tanto em sua forma positiva quanto negativa, é utilizada como arma pela resistência; porém, nas mãos do médico, transforma-se no mais poderoso instrumento terapêutico e desempenha um papel que dificilmente se pode superestimar na dinâmica do processo de cura. (FREUD, 1923, P.263)

Jung também trata da questão em vários estudos de casos analíticos e oferece grande contribuição para o tratamento terapêutico e para a formação dos analistas do comportamento humano.

Fazendo uma relação entre o ministério pastoral e a terapia psicológica, pode-se perceber muitas questões em comum, porém, percebem-se também algumas diferenças que são fundamentais para a percepção dos riscos e para o sucesso do atendimento terapêutico e ministerial. A principal diferença a ser destacada é o conhecimento dos conceitos de transferência e contra transferência que podem ocorrer no atendimento às pessoas que experimentam angústias e sofrimentos que podem comprometer sua integridade emocional afetando também sua vida espiritual.

Entre as situações que podem promover a manifestação da transferência e da contra transferência, destacam-se as resistências de alguns ao ministro, não apenas no aconselhamento, mas também no trabalho pastoral a lidarem com as situações que remetem à sexualidade. Collins (1984) apresenta dificuldades que podem ser encontradas na relação entre conselheiro e aconselhando. Ele trata da vulnerabilidade do conselheiro e da sua sexualidade diante do aconselhamento com pessoas, podendo levar a um envolvimento emocional e sexual.

Este trabalho visa promover uma reflexão sobre a presença da transferência e da contra transferência no ministério pastoral e suas implicações, considerando que não há preparo ou treinamento acadêmico para os ministros e conselheiros, afim de que percebam a presença de tais manifestações em suas relações com as pessoas, quer seja dentro ou fora do gabinete pastoral. Para facilitar o entendimento da pesquisa bem como sua proposta, serão detalhados os conceitos de Transferência e Contratransferência a partir de obras dos principais autores da psicanálise e a relação dos conceitos com o ministério pastoral.

O termo transferência foi utilizado por Freud em 1895 como uma forma de resistência ao tratamento terapêutico, especialmente em se tratando de traços da sexualidade infantil que já deveriam ter sido elaborada pelo adulto. Em um de seus maiores clássicos, “O caso Dora”, Freud relata sobre um paciente que não se recordava de conteúdos reprimidos, porém reproduzia como uma ação repetitiva e inconsciente. Ocorria durante o tratamento um falso enlace, onde o passado era confundido com o presente e a pessoa do terapeuta era confundida com outra. Citando Freud, Minerbo observa que para ele o enlace produzia um desejo proibido no paciente em relação ao médico que Freud percebeu em seu trabalho com a paciente, porém, observa que entendia que transferência com o médico acontecia por um falso enlace (FREUD, 1895, p. 306).

A partir de então, a transferência passa a ser percebida não mais como uma forma de resistência, mas um instrumento extremamente ativo e produtivo para a análise terapêutica. Minerbo destaca que “A grande descoberta de Freud é que a transferência não é um mero elo associativo rumo à descoberta do infantil. A transferência é ativa e produtiva no aqui e agora” (MINERBO, 2012, p. 30).

Outros autores psicanalistas também escreveram sobre a transferência a partir de Freud ou de experiências próprias. Ferenczi (1991) define transferências como “reedições, reproduções de tendências e de fantasias que a progressão da análise desperta e deve tornar conscientes, e que se caracterizam pela substituição de pessoas outrora importantes pela pessoa do médico”. Ainda, segundo ele, a transferência se manifesta em todas as circunstâncias da vida.

Os conteúdos afetivos são as principais manifestações que permeiam a relação entre o paciente e o terapeuta, tais conteúdos implicam na maior parte dos casos, em experiências passadas especialmente nas relações afetivas, em geral envolvendo vínculos paternos e amorosos. Quando o ambiente terapêutico desenvolve um bom vínculo entre paciente e terapeuta, a transferência desses conteúdos torna-se possível, cabendo ao analista interpretar tais manifestações. A experiência será de grande valia para o tratamento, porém poderá

acarretar em grande e intensa carga de energia tanto do paciente, como também do terapeuta. Ferenczi ainda destaca que :

“A experiência adquirida nos mostra o desperdício aparentemente gratuito dos afetos nos neuróticos, o exagero de seu ódio, de seu amor ou de sua compaixão, que resultam das transferências; suas fantasias inconscientes ligam acontecimentos e pessoas do momento a eventos psíquicos há muito esquecidos provocando assim o deslocamento da energia afetiva dos complexos de representações inconscientes para as ideias atuais, exagerando sua intensidade afetiva” (FERENCZI 1991, P. 78).

Minerbo apresenta considerações importantes sobre o tema destacando posições tanto de Freud, como de outros psicanalistas.

“Apenas para dar uma ideia, em 1914, Freud disse que o que se transfere é o próprio modo de ser, a própria neurose. Em 1920, a transferência terá que ver com o pulsional não ligado – o id, a pulsão de morte. E, em 1921, ele falará de transferência do ideal de ego e do superego. Klein (1952) diz que o que se transfere são relações de objeto precoces, envolvendo fantasias inconscientes e defesas primitivas. Winnicott (1955) diz que o que se transfere é o não constituído em função das falhas do ambiente. Como se vê, Freud e os pós-freudianos irão reconhecer, com base em matrizes clínicas distintas, várias modalidades de transferência” (MINERBO, 2012, P. 21).

Ainda sobre modalidades de transferência, Roussillon apresenta quatro modalidades que ajudam no entendimento do tema:

- “A primeira é a clássica: deslocamento de afeto de um personagem do passado sobre a figura do médico.”

- “A transferência de função – por exemplo, a autoridade, que foi originalmente encarnada pelo pai, mas que pode ser encarnada por uma série de personagens que se prestam a isso.”

- “A transferência pode se dar no tratamento como um todo.”

- “A transferência não se dá apenas sobre a figura do médico, mas pode se dar lateralmente, sobre outras relações atuais – Freud diz que o paciente esvazia a transferência falando da análise a um amigo íntimo” (WINNICOTT, 1995, P. 141-2).

Os trabalhos e pesquisas apresentados pelos autores citados demonstram a importância da transferência para o trabalho terapêutico e como o conceito era valorizado por eles, sendo utilizado como uma importante ferramenta para o auxílio no tratamento e pela busca de uma melhor compreensão e elaboração do sofrimento por parte do paciente, pois trata de experiências profundas e importantes que causam angústia e sofrimento e que, ao encontrar um bom ambiente age, mesmo que de maneira inconsciente para ultrapassar as barreiras que

causam dor. Lins observa que “Winnicott valorizou a transferência não apenas como lugar de projeções de representações, mas também como lugar de experiências no setting; experiências que remetem às vivências mais precoces do indivíduo e às funções exercidas pelo meio ambiente ao longo dos processos de amadurecimento pessoal do bebê” (LINS, 2006, P. 35).

Lins (2006) afirma que, segundo Winnicott, o analista confronta-se com os objetos primários e originais do paciente, devendo permitir que o passado se manifeste no presente oferecendo aquilo que o paciente espera dele.

A transferência pode ser percebida também em outras áreas relacionais do indivíduo fora do espaço terapêutico. Após o período conhecido pela psicanálise como Édipo que compreende a faixa entre os três e cinco anos de idade, acontece um “rompimento” com os pais e o filho que, quando não elaborado o Édipo, pode desencadear em sofrimento. Para Freud, o anseio pelo pai, despertado pelo desamparo do bebê pode ser incontrolável e se prolongar até a fase adulta gerando medo do poder superior do destino constituindo-se em derivado fundamental para as necessidades religiosas. (FREUD, 1930, P. 80)

A igreja apresenta-se como acolhedora aos sofredores e apta a cuidar dos desamparados. Nela o indivíduo encontra abrigo, amparo, cuidado e bons conselhos. Para Freud em sua obra “Psicologia de grupo e análise do ego”, a igreja, assim como o exército, é um grupo artificial prejudicial ao desenvolvimento do indivíduo, pois impede que ele saia do grupo impondo sua participação e punindo-o em caso de abandono ao grupo. No grupo ele se encontra com o líder (cabeça) que pode ocupar o lugar de autoridade (FREUD, 1921, P. 105).

Minerbo (2012) considera, a partir de Freud tal possibilidade em sua obra,

“Por fim, Freud analisa o comportamento do indivíduo em relação ao líder das massas. Se ele põe o líder na posição de autoridade máxima e assume a posição de criança submissa e obediente, é porque há uma transferência do superego, representante interno da autoridade paterna”(Minerbo 2012, p. 69).

A transferência, segundo a psicanálise, conforme observado até aqui, torna-se então, o eixo do trabalho analítico assumindo grande importância na relação terapêutica, porém, é necessário salientar que o papel do analista é de fundamental importância, considerando a vulnerabilidade em que o paciente pode se encontrar. O terapeuta precisa ser bem preparado e adquirir ferramentas que o capacitem à compreensão e ao manejo da situação para ajudar o paciente. Uma das ferramentas essenciais é possibilitar o que a psicanálise chama de “associação livre”, que é o espaço em que o paciente relata suas experiências e demandas. A

associação livre permite que a pessoa conte quantas vezes for necessário se esvaziando de suas angústias.

Para que o paciente tenha espaço para contar, repetir e elaborar, o terapeuta lhe oferece outra ferramenta, os ouvidos, executando a escuta analítica. Segundo Minerbo “Escutar analiticamente significa tentar reconhecer “quem” – qual identificação – está falando pela boca do paciente, e qual é a identificação complementar que ela (a identificação) nos convida a atuar na contratransferência”.(MINERBO, 2012, P.22).

A transferência, conforme observado, é então um instrumento de grande importância para um bom trabalho terapêutico, porém, é preciso observar que nem sempre ela ocorrerá de forma positiva, em alguns casos ocorrerá pelo ângulo negativa. Em 1920, na obra “Além do princípio do prazer”, Freud reconhece outras formas clínicas – o masoquismo e a reação terapêutica negativa – nas quais a repetição envolve situações dolorosas.

Segundo Minerbo,

“”Nesses casos, o paciente vem fazer o analista sentir, mais do que escutar, algo de si que ele não pode perceber. Ele precisa que o analista seja o “espelho negativo de si”, refletindo o que ele não conseguiu sentir, ver e compreender de si mesmo. Ele vai fazer o analista viver o que ele mesmo não pode viver de sua história. No distúrbio identitário, o campo transferencial-contratransferencial, será dominado por questões ligadas ao negativo, ao não constituído, mais do que ao conflito.””(MINERBO, 2012, P. 68)

Outro fator importante na relação terapêutica que está ligado à transferência é o conceito de contratransferência conforme citado acima. Este conceito diz respeito às reações que podem ocorrer no analista diante das demandas apresentadas pelo paciente e principalmente como resposta ou atuação à transferência. O analista deve ser devidamente preparado para perceber a manifestação da transferência e buscar recursos para administrar suas próprias demandas a fim de lidar adequadamente com a contratransferência.

Não se pode negar que toda análise é atravessada, inevitavelmente, pela contratransferência, pois trata-se de um fenômeno que pode ser considerado numa das questões fundamentais e mais problemáticas da teoria e técnica psicanalíticas, pois afeta o analista no cotidiano de sua clínica e o remete à sua análise pessoal, supervisão e escrita clínica, tal a angústia em face da inquietante estranheza da transferência. Contudo, se bem entendida e administrada, a contratransferência será também um instrumento de grande valia para o trabalho terapêutico.

Minerbo destaca que “... O analista oferece sua contratransferência para que a transferência possa ganhar corpo. Nesse sentido, embora o roteiro seja dado pela transferência, a cena se constrói em coautoria”(MINERBO, 2012,P.30) .

O conceito de contratransferência foi construído a partir de experiências no espaço terapêutico por psicanalistas com largo conhecimento e preparo. Minerbo (2012) apresenta relatos interessantes que comprovam a presença da contratransferência na experiência de alguns profissionais de destaque,

“Numa carta de 7 de março, Jung se queixava dos efeitos imprevistos, embaraçosos e, em certo sentido, impossíveis de serem domados da transferência amorosa de uma paciente, Sabina Spielrein. Esta fez um escândalo porque se recusava a fazer um filho com ela. Diante disso, foi obrigado a lhe “conceder amplamente sua amizade”. Não se sabe em que termos ele a concedeu. Em 4 junho, escreve que ela, que tinha planejado seduzi-lo, agora procurava vingar-se dele.” (Minerbo, 2012, P. 44).

Para Minerbo, é a partir dessas experiências que nasce a noção de contratransferência, sendo de fundamental importância que o analista consiga reconhecê-la e instrumentalizá-la.

Muitos podem entender a contratransferência como um sério problema, o que pode acontecer, porém ela destaca que, “Segundo Freud, o problema não é a contratransferência em si, mas a possibilidade de não reconhecê-la, o que daria livre curso a seus efeitos inconscientes” (FREUD, 1915).

A compreensão do analista é de fundamental importância, bem como sua formação e preparo. Ainda assim, os riscos de atuar na contratransferência são iminentes, pois trata-se de um sujeito com desejos, traumas e outras demandas. Alguns autores destacam o risco de uma manifestação narcísica por parte do analista, segundo Klein (1952), o narcisismo pode dificultar o reconhecimento da transferência negativa não permitindo sua interpretação e manejo. Observa ainda que o narcisismo propicia a prática de erros, especialmente quando o analista se sente lisonjeado. Em algumas situações, o paciente coloca o terapeuta no lugar de alguém onipotente que pode resolver seus problemas ou como aquele em quem se pode encontrar o prazer reprimido.

Considerando os aspectos teóricos apresentados até aqui, bem como experiências apresentadas pelos autores, pode-se afirmar que transferência e contratransferência dentro do espaço terapêutico, saem da esfera de conceitos apenas para assumir papel fundamental na prática e no ambiente terapêutico. Porém, é importante salientar que o conhecimento, o preparo e a boa formação do analista são requisitos fundamentais para que tais conceitos sejam, na prática terapêutica, instrumentos de cura e libertação para aqueles que sofrem.

4 TRANSFERÊNCIA, CONTRATRANSFERÊNCIA E ACONSELHAMENTO CRISTÃO.

Uma dificuldade há muito percebida no tratamento de pessoas com algum diagnóstico ligado às emoções ou angústias das pessoas, especialmente aquelas inseridas ou pertencentes ao ambiente religioso, é a diferença de opiniões e conceitos em relação ao tratamento a ser oferecido.

Existem alguns tabus e certa rejeição das partes, alguns religiosos não aceitam os conceitos psicológicos da mesma maneira que alguns psicólogos apresentam resistência a conceitos religiosos. Freud, na obra “O mal estar na civilização”, apresenta críticas à igreja quanto à sua relação com a pessoa, enquanto que no ambiente religioso, mesmo acadêmico, alguns autores fazem duras críticas à psicologia. Eyrich e Hines (2007), oferecem excelente material para conselheiros religiosos a partir de conceitos bíblicos que, segundo eles, dentro da realidade humana e principalmente cristã, está acima de qualquer ciência, porém, apresentam críticas à psicologia, à sociologia e a psiquiatria quanto à sua postura em relação ao sofrimento humano. Argumentam que a psicologia e a sociologia oferecem base para que uma pessoa justifique algum pecado, além de tentar remover a culpa causada pelo pecado.

O livro promove uma boa reflexão para aqueles que queiram dedicar tempo ao aconselhamento, pois enfatiza a necessidade de um bom preparo teológico, conhecimento das escrituras e experiência religiosa e também destacam algumas exigências para ser um bom conselheiro, entre elas: compaixão, bondade, humildade, mansidão, paciência e a capacidade de servir de suporte para o outro, o que implica em alteridade (EYRICH E HINES, 2007).

Os autores destacam a necessidade de se desenvolver um bom relacionamento com o aconselhando, oferecendo-lhe amparo, acolhimento e boa escuta, também apresentam preocupação com a postura do conselheiro afim de evitar que demonstre sentimento de grandeza e entenda que alguns têm problemas que lhe são comuns.

De acordo com as teorias apresentadas até aqui, observa-se que o ministério do aconselhamento é muito importante e necessário. Destaca-se a importância dada ao preparo teológico do conselheiro, além de habilidades específicas e dons que favoreçam a prática do aconselhamento.

Porém, observa-se a partir dos conceitos psicanalíticos abordados acima, considerando as instruções de Eyrich e Hines (2007), que a prática do aconselhamento cristão pode ser uma porta aberta para a manifestação da transferência e da contratransferência na relação do

ministro evangélico com as pessoas de sua igreja, especialmente na prática do aconselhamento.

Tal consideração pode ser feita observando-se a necessidade do desenvolvimento de um bom relacionamento entre conselheiro e aconselhado, pois, esse modelo de relacionamento, por ter um objetivo de perceber e tratar das demandas do aconselhado coloca tanto este como o conselheiro em posição de vulnerabilidade apesar do preparo daquele que aconselha. O ambiente favorece o vínculo emocional e afetivo entre os envolvidos possibilitando ao que sofre que transfira sua carga emocional de forma inconsciente ao que o aconselha.

A preocupação que cerca o trabalho do ministro e sua relação com a igreja é o fato de que não seja oferecido a ele em sua formação acadêmica ou mesmo em cursos de aconselhamento algum tipo de orientação teórica sobre os riscos que cercam seu trabalho, especialmente a noção dos conceitos de transferência e contratransferência.

Outro fator importante é a percepção de que as divergências entre a religião e a psicologia que existe há algum tempo, embora tenha diminuído, pois a cada dia pastores têm sugerido às suas ovelhas que procurem terapia, não será resolvida. Cabe inferir em tal desconforto e esclarecer que ele existe apenas por questões conceituais e que seria amenizada se cada profissional entendesse a sua função e a diferença em relação ao outro. O problema acontece muitas vezes quando o conselheiro se coloca na posição de terapeuta e o terapeuta na posição de conselheiro. É preciso entender que o pastor é apenas conselheiro enquanto que o psicólogo é apenas terapeuta e ambos serão bem sucedidos se fizerem o seu trabalho com maestria. Porém, é preciso considerar que alguns pastores formados em teologia também optaram por formação em psicologia e trabalham também no consultório como psicoterapeutas, dois participantes da pesquisa e o pesquisador também trabalham nas duas áreas. Casos assim merecem outra reflexão, considerando que os profissionais estão preparados para lidar com as demandas nas diferentes áreas.

Segundo Freud, o sofrimento origina-se de três direções: “...de nosso próprio corpo {...}; do mundo externo {...}; e, finalmente, de nosso relacionamento com outros homens” (Freud, 1930, P. 85). Portanto, pode-se afirmar que o sofrimento acompanha e permeia toda a vida do ser humano podendo ser percebido em todas as áreas relacionais, com ele mesmo, com a natureza e com o outro. É preciso cuidado e amparo e a psicologia e a igreja se apresentam como agentes de cuidado e amparo ao que sofre. Porém, é necessário preparo e manejo para executar tão importante tarefa.

É preciso pesquisar a fim de se encontrar a fonte do sofrimento e os motivos que desencadeiam os comportamentos, não para punir ou castigar, mas para ajudar na promoção de reflexão e libertação do sofrimento. Igreja e psicologia olham para o mesmo objeto e têm interesse em ajudar, porém, enquanto a igreja observa o pecado como causa espiritual de determinados comportamentos que destoam dos mandamentos bíblicos, a psicologia investiga possíveis causas, não apenas espirituais, que podem levar o indivíduo a cometer determinado comportamento. Ambos tentam ajudar e oferecer a libertação para o sofrimento. É importante então que cada um entenda o seu papel no cuidado para com o outro e procure cumpri-lo com alteridade e compromisso.

5 OS TIPOS DE CONTRATRANSFERÊNCIA E OS RISCOS NA RELAÇÃO CONSELHEIRO-TERAPÊUTA/ACONSELHANDO

Apesar das diferenças teóricas e práticas entre ciência e fé, o aconselhamento cristão e a psicoterapia apresentam similaridades na relação conselheiro/aconselhando e terapeuta/paciente, pois, ambos buscam a cura para o indivíduo, não apenas para as patologias somáticas, mas para o sofrimento que adoece a alma. Porém, destaca-se que, enquanto a religião atenta para o pecado enquanto herança adâmica que motivam comportamentos a serem disciplinados, punidos ou moldados à luz dos mandamentos bíblicos, a psicologia procura investigar os comportamentos com base em teorias científicas, afim de descobrir a origem das angústias e do sofrimento. Ambos apontam para o mesmo objeto e, apesar de um olhar diferente, procuram a cura para o que sofre.

Outra similaridade entre conselheiros e terapeutas já apontada é a presença da transferência e da contratransferência e os riscos inerentes à sua manifestação na relação entre conselheiros e aconselhados, bem como terapeutas e pacientes. Este capítulo tem como objetivo destacar possíveis riscos na relação de contratransferência.

Murray Stein no livro “Transferência Contratransferência” (1984), destaca que a contratransferência é muito útil, importante e inevitável para o trabalho terapêutico, desde que seja compreendida e tratada de forma correta. Porém, observa que há resistência por parte do próprio analista que se defende contra o autoexame, apesar de ser fundamental para o processo terapêutico com o paciente e com ele mesmo.

Stein destaca ainda que “A transferência não pode ser resolvida, muito menos integrada, a não ser que as projeções e contra projeções de analista e analisando sejam trabalhadas.”(STEIN, 1984 P. 66)

As intervenções do analista na relação terapêutica podem representar indícios de contratransferência devendo ser observadas, o que aponta para a necessidade de um trabalho de supervisão de outro profissional da área, considerando que a contratransferência também se dá de maneira inconsciente. O que é consenso em todas as escolas que estudam o comportamento humano e formam profissionais com o intuito de analisar e tratar as pessoas em suas demandas. Todos os psicólogos, independente de sua vertente teórica, são orientados a buscar supervisão com outro psicólogo.

Stein oferece, com base na literatura Junguiana, três tipos de contratransferência que podem ocorrer na relação terapêutica: a maiêutica, termo socrático para definir a arte da parteira. Para ele, “o analista age como parteira num processo de nascimento psicológico no

qual 'algo mais profundo, mais justo e mais amplo' que a antiga atitude consciente cresce no analisando”’. (STEIN, 1984, P. 76)

A metáfora do nascimento é utilizada por ele colocando o analista como assistente de seu analisando no processo criativo. O sonho é de fundamental importância para o entendimento do processo criativo, sendo um instrumento para o analista a fim de ajudar o paciente no caminho para o amadurecimento. Porém, este processo pode ser ilusório levando o analista a uma visão do self inconsciente que é mais sua do que do paciente. Fazendo com que os esforços para dar a luz sejam projeções do analista em seu analisando.

Outro tipo de contratransferência apresentado por Stein é o xamanismo, um modelo de cura em que o analista é contaminado pela doença de seu paciente e busca a sua cura, curando a si mesmo, sendo uma manifestação de identificação entre eles. Para ele, “Em termos analíticos modernos, esse ciclo xamânico pode ser entendido como uma mistura de identificação,, identificação projetiva e introjeção mútuas entre analista e analisando”’. (STEIN, 1984, P. 75)

Observa que, “A influência curativa da personalidade do analista, constelada em reação à doença interiorizada pelo analisando, gera neste um efeito curativo, pois o processo de auto cura do analista deflagra um processo semelhante na psique do analisando”’. (STEIN, 1984, P. 75)

Destaca-se que o risco deste tipo de contratransferência também é a possibilidade de ser ilusória, ou seja, o analista projeta conteúdos inconscientes que são seus. Também pode haver uma inversão, fazendo com que o analista busque a cura para si, colocando o paciente no lugar do curandeiro.

O terceiro tipo de contratransferência apresentado por Stein será o mais utilizado neste trabalho, trata-se do desejo pelo poder, tipo este que também aparece nas relações entre conselheiro/ aconselhando e terapeuta/paciente com frequência. Stein destaca a existência uma necessidade algumas vezes presente no analista de assumir o controle sobre o paciente, o que pode ser percebido por meio de conselhos, recomendações, interpretações e decisões tomadas durante o processo terapêutico. Porém observa que o analisando também pode, em algumas situações, manifestar o desejo e até assumir o controle. Quando isto ocorre, o analista pode renunciar ao poder.

Adolf Guggenbuhl – Craig no livro, “o abuso do poder na psicoterapia, e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistrado” (2004), analisa as profissões ligadas ao cuidado de pessoas e às questões sociais concluindo que o desejo pelo poder nas relações é risco para os profissionais que trabalham no cuidado de pessoas, presente na estrutura básica da maioria

das profissões. Destaca os sentimentos que podem afetar assistentes sociais que atendem pessoas e especialmente crianças em situações de risco, bem como os professores na relação com os alunos, os médicos no cuidado com os doentes e os sacerdotes na relação com os fiéis.

Craig utiliza o termo “charlatão” para definir especialmente médicos que enganam seus pacientes e a si mesmos. Profissionais que foram formados para cuidar dos que sofrem, mas que os tratam em benefício próprio. “Trata-se de um indivíduo que ajuda mais a si mesmo, pelo dinheiro e prestígio que recebe, do que aos doentes que procuram seus préstimos”. (CRAIG, 2004, P. 28)

Semelhante ao médico charlatão encontra-se na opinião de Craig, o sacerdote ou o líder religioso na tradição judaico-cristã, porém, pode-se estender a outras correntes. O líder religioso têm a função de ser o representante de Deus por ele vocacionado, ou aquele que tem contato direto com ele e, portanto recebe o poder para cuidar das pessoas. Segundo Craig, o lado sombrio do homem de Deus é o hipócrita e o falso profeta que age apenas para ter influência e poder. “Em termos ideais, o homem de Deus deve testemunhar sua fé com seus próprios atos. O que ele prega não pode ser provado. É por meio de seu próprio comportamento que deverá surgir um fundamento para a fé que representa.” (CRAIG, 2004, P. 30)

Sobre o trabalho do analista, Craig afirma a existência de denominadores comuns ao ofício do sacerdócio. Apesar de não defender uma fé e não se apresentar como representante de Deus, o psicoterapeuta pode induzir as pessoas à busca da cura pela terapia.

Uma característica perigosa que cerca alguns profissionais, inicialmente os médicos, mas que pode ser percebida em outros que lidam com o sofrimento humano, é o sentimento onipotente. Isto pode acontecer com o líder religioso, por ser o representante de Deus, mas também com o psicólogo, pois ambos, de certa maneira lidam com a alma das pessoas, com demandas ainda não percebidas e que muitas vezes estão escondidas no âmago da sua própria existência. O religioso lida com os aspectos espirituais e sobrenaturais, enquanto que o psicólogo trabalha com o inconsciente. As funções e a relação com as pessoas criam expectativas nos enfermos e podem impelir os profissionais à onisciência.

Segundo Craig, o próprio paciente incentiva os aspectos de charlatão e de falso profeta no terapeuta. “Assim como o médico é forçado por seus pacientes a desempenhar o papel de charlatão, e o sacerdote o de falso profeta por sua congregação, o analista é levado a esses papéis inconscientes por seus analisandos.” (CRAIG, 2004, P. 34)

O risco de se estabelecer uma relação de poder nas relações de aconselhamento e terapia é constante. O fato de lidar com demandas humanas expõe os profissionais cuidadores

e conselheiros, elevando-os a um patamar diferente. As pessoas envoltas em sofrimento, especialmente as religiosas, necessitam de ícones e referências, muitas vezes concretas que possam ver, tocar e venerar. Apesar de religiosas, têm dificuldade em crer no invisível e elegem seus líderes como dignos representantes de sua fé. O mesmo pode acontecer com a relação terapêutica. A contratransferência de poder possibilita o surgimento do desejo de controle sobre o outro, no terapeuta a capacidade de penetrar no inconsciente e no religioso a falsa capacidade de criar uma nova consciência. Isto pode ser motivado pelas reações do próprio paciente/aconselhando. Para Craig, “Inconscientemente, ao menos em parte, o paciente quase sempre espera encontrar um redentor que o liberte de todos os seus problemas e talvez até chegue a despertar nele capacidades sobre-humanas.” (CRAIG, 2004, P. 41)

Para Craig, o encontro entre duas pessoas é transformador no sentido de que, elas se defrontam e são afetadas pelo outro. No encontro entre analista e paciente não é diferente e como todos os analistas do comportamento, ele também entende a importância da transferência e entende que o analista terá que a dissolver e tentar leva-la de volta para suas origens. Porém, “se o analista tiver uma contratransferência, projetando sobre o paciente imagens, características etc., que na verdade pouco têm a ver com ele ou não passam de uma resposta à transferência inicial, nesse caso o desenvolvimento é naturalmente bloqueado.” (CRAIG, 2004, P. 51) Ele destaca que o terapeuta foi treinado para lidar com tais situações e impedir o surgimento da contratransferência.

Percebe-se pelas reflexões feitas pelos autores mencionados neste capítulo que algumas características e aspectos até então ligados à relação entre psicólogo e paciente são observados também na relação de outros profissionais que atendem às demandas humanas, entre eles o líder religioso, sacerdote ou pastor. Percebe-se novamente, como em capítulos anteriores, a necessidade de preparo e formação adequada para lidar com tais demandas e também de o trabalho de supervisão por outro profissional capacitado.

O risco da sedução pelo desejo de poder e controle sobre o outro é possível nas relações de cuidado social, médico, educacional, terapêutico e também espiritual. O aconselhamento pode possibilitar tal sedução e prejudicar a relação entre conselheiro/aconselhando como acontece também em outras relações.

6 PESQUISA SOBRE ACONSELHAMENTO / ATENDIMENTO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Inicialmente quarenta participantes de pesquisa foram indicados e consultados sobre a possibilidade de participação no projeto. Todos concordaram e receberam o termo de consentimento contendo as informações sobre o tema e o questionário de múltipla escolha. O material foi encaminhado via google docs para o email do participante que deveria clicar em “concordo” ao final da leitura do termo e “enviar” após responder à pesquisa para que fossem automaticamente enviados para uma planilha excel criada pelo próprio google, o que reforça a segurança e o sigilo sobre os dados dos participantes.

Após enviar o material e reiterar o pedido para que as respostas fossem enviadas dentro do prazo estipulado, vinte e cinco participantes devolveram o questionário respondido junto com o termo de consentimento. Um participante respondeu que, pelo fato de não ter apenas uma resposta para algumas questões, por não entender algumas perguntas e por motivos pessoais não participaria da pesquisa, o que foi considerado como dado relevante, supondo que a pesquisa cause desconforto. Outro participante respondeu que achava interessante a pesquisa e que gostaria de receber os resultados posteriormente. Dez participantes enviaram mensagens eletrônicas informando que tinham respondido, oito reclamaram não ter recebido os arquivos, que foram remetidos com a instrução de que os e-mails com anti spam estariam na caixa de spam e quatorze dos que não responderam não se manifestaram, apesar das instruções e reiteração do pedido. Observa-se que o questionário é de múltipla escolha com a instrução de que o participante poderia assinalar mais de uma resposta.

O questionário foi apresentado como se segue e as respostas geraram os gráficos que possibilitaram a análise dos resultados e conclusão da pesquisa. Pode-se supor que o conteúdo da pesquisa tenha despertado algum desconforto em alguns dos participantes, por algumas respostas que serão analisados a seguir e também pelo silêncio e não envio das respostas, mesmo com a segurança e o sigilo oferecido no termo de consentimento e a discrição oferecida.

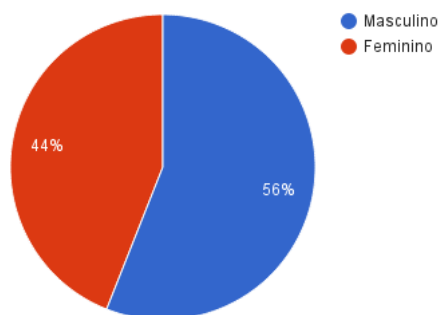
A análise e discussão dos resultados considerou as categorias masculino-feminino; pastor-psicólogo; formação acadêmica e mecanismos de defesa.

Questionário de Múltipla Escolha/Coleta de dados e análise dos resultados

As duas primeiras perguntas eram referentes ao sexo e à profissão do participante. Conforme os resultados obtidos, destaca-se que o grupo de participantes era formado por dez psicólogos do sexo masculino e dez do sexo feminino, dez pastores do sexo masculino e dez do sexo feminino. Dos vinte e cinco que responderam a pesquisa, quatorze (56%) eram homens e onze(44%) eram mulheres. Onze (44%) pastores, treze (52%) psicólogos, um (4%) pastor e psicólogo e três (12%) outros. Dos pastores três eram mulheres e oito homens; dos psicólogos cinco eram homens e oito eram mulheres.

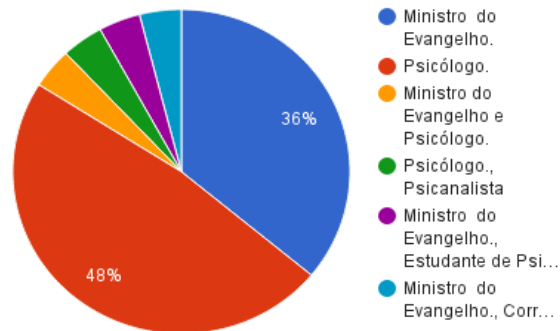
1 - Sexo

- Masculino
- Feminino



2 - Você é:

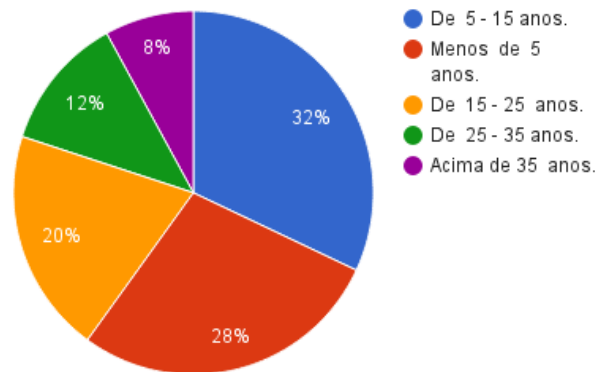
- | | | |
|--------------------------|------------------------------------|-----|
| <input type="checkbox"/> | Ministro do Evangelho. | 44% |
| <input type="checkbox"/> | Psicólogo. | 52% |
| <input type="checkbox"/> | Ministro do Evangelho e Psicólogo. | 4% |
| <input type="checkbox"/> | Outro: <input type="text"/> | 12% |



As respostas à pergunta de número três que considera o tempo de exercício na profissão aponta que 32% exercem o trabalho entre 5-15 anos, 28% à menos de 5 anos, 20% entre 25-35 anos e 8% acima de 35 anos. Observa-se que seis psicólogos e um pastor exercem a profissão a menos de 5 anos; quatro pastores e quatro psicólogos exercem a profissão entre 5-15 anos; três pastores e dois psicólogos exercem a profissão entre 15-25 anos; dois pastores e um psicólogo exercem a profissão entre 25-35 anos e dois pastores e nenhum psicólogo exercem a profissão à mais de 35 anos. Observa-se que a média de tempo no exercício da profissão está entre 5-15 anos e destaca-se que o ministério pastoral é exercido por um período maior de tempo se comparado aos psicólogos, acima de 35 anos em exercício.

3 - Há quanto tempo exerce a profissão?

- | | | |
|-----------------------|-------------------|-----|
| <input type="radio"/> | Menos de 5 anos. | 28% |
| <input type="radio"/> | De 5 - 15 anos. | 32% |
| <input type="radio"/> | De 15 - 25 anos. | 20% |
| <input type="radio"/> | De 25 - 35 anos. | 12% |
| <input type="radio"/> | Acima de 35 anos. | 8% |

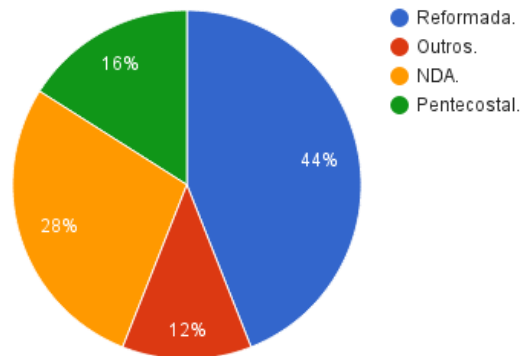


Quanto à pergunta de número quatro, os resultados mostraram que, dos oito pastores do sexo masculino, sete eram de orientação eclesial reformada e um pentecostal; os três pastores do sexo feminino eram de orientação eclesial pentecostal. No total 44% eram de orientação religiosa reformada, 16% pentecostal, 13% indicaram outros e 28 % indicaram nenhuma das alternativas.

Apesar de a pesquisa ser paritária em relação ao gênero dos participantes, observa-se que mais homens responderam entre os pastores e mais mulheres entre os psicólogos. Observa-se também o maior número de reformados entre os pastores que responderam. Destaca-se que apenas as denominações evangélicas de orientação pentecostal possuem pastores do sexo feminino, o que não ocorre nas igrejas reformadas o que indica que entre as pastoras que receberam a pesquisa, todas eram pentecostais. Entre os pastores do sexo masculino, apenas um participante era pentecostal e os outros nove convidados eram de orientação reformada.

4 - Qual a sua denominação?

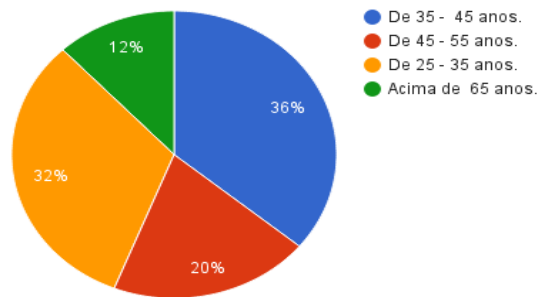
- | | | |
|-----------------------|--------------|-----|
| <input type="radio"/> | Pentecostal. | 16% |
| <input type="radio"/> | Tradicional. | 0% |
| <input type="radio"/> | Reformada. | 44% |
| <input type="radio"/> | Outros. | 12% |
| <input type="radio"/> | NDA. | 28% |



Quanto à idade dos participantes indicada na pergunta de número cinco, os resultados mostraram que a maioria dos participantes têm idade entre 35-45 anos e apenas três têm idade superior a 65 anos, observa-se que os participantes maiores de 65 anos são pastores, não havendo nenhum psicólogo nesta faixa etária, o que corrobora com a observação feita no parágrafo anterior que indica que o pastor exerce a função por um período maior de tempo se comparado aos psicólogos. Percebe-se, porém, que todos os participantes que têm entre 25-35 anos de idade são psicólogos, não havendo nenhum pastor, o que pode indicar que a mais psicólogos em formação se comparado aos pastores e que o interesse dos mais jovens em relação à psicologia é maior se comparado ao interesse pelo ministério pastoral.

5 - Qual a sua idade?

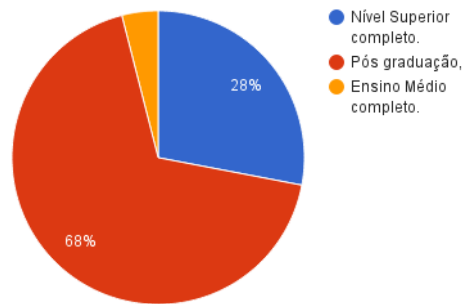
<input type="radio"/>	Menos de 25 anos.	0%
<input type="radio"/>	De 25 - 35 anos.	32%
<input type="radio"/>	De 35 - 45 anos.	36%
<input type="radio"/>	De 45 - 55 anos.	20%
<input type="radio"/>	De 55 - 65 anos.	0%
<input type="radio"/>	Acima de 65 anos.	12%



Os resultados obtidos nas respostas à pergunta de número seis quanto ao nível de escolaridade, destacam que apenas um participante, pastor do sexo feminino de orientação pentecostal, tem o ensino médio completo, os demais têm formação superior, sendo que dezessete (68%), têm pós-graduação, sendo dez psicólogos e sete pastores, havendo maior interesse entre os psicólogos pela pós graduação. Entre os pastores com mais de 65 anos de idade, um tem apenas o ensino médio, porém os outros dois são pós-graduados. Destaca-se também, que um dos participantes, pastor de orientação pentecostal, tem nível superior completo e cursa o terceiro semestre de psicologia. Observa-se que entre os participantes, além do citado como pastor e estudante de psicologia, outro já é formado em psicologia e também exerce a função de pastor.

6 - Qual o seu nível de escolaridade ?

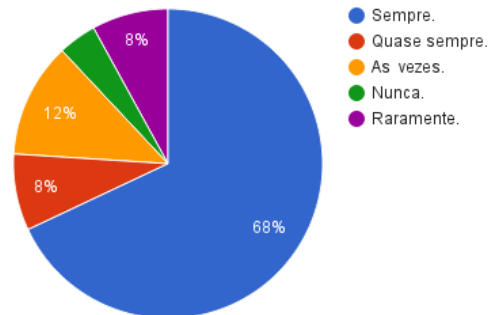
- Fundamental incompleto. 0%
- Fundamental completo. 0%
- Ensino Médio incompleto. 0%
- Ensino Médio completo. 4%
- Nível Superior incompleto. 28%
- Nível Superior completo. 68%
- Pós graduação.



Os resultados obtidos nas respostas à pergunta de número sete quanto à prática do aconselhamento e da terapia, destacam que a maioria dos participantes vinte e quatro (96%), exercem tal prática em sua vida profissional, sendo que dezesseis (68%), trabalham com aconselhamento/terapia sempre e apenas um participante psicólogo (4%), indicou que nunca exerce a prática. Oito pastores e nove psicólogos sempre exercem a prática. Observa-se que o pastor estudante de psicologia está entre os que indicaram que sempre exercem a prática do aconselhamento. Conclui-se que o aconselhamento é uma prática importante na função do psicólogo e do pastor, o que pode indicar o risco da manifestação da transferência e da contratransferência no ambiente de trabalho e relacionamentos conforme a base teórica apresentada e as motivações que cercam a pesquisa em questão.

7 - O aconselhamento/terapia é uma prática em seu ministério?

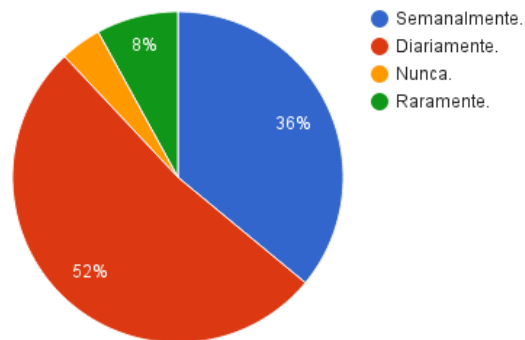
<input type="checkbox"/>	Sempre.	68%
<input type="checkbox"/>	Quase sempre.	8%
<input type="checkbox"/>	As vezes.	12%
<input type="checkbox"/>	Raramente.	8%
<input type="checkbox"/>	Nunca.	4%



Corroborando com as informações sobre a prática do aconselhamento, as respostas à pergunta de número oito quanto à frequência destacam que 13 participantes (52%), afirmaram uma frequência diária na prática do aconselhamento/terapia, seguido de nove participantes (36%) que afirmaram frequência semanal. Destes, oito psicólogos e cinco pastores, indicando que o psicólogo exerce a prática do aconselhamento/terapia mais frequentemente. Observa-se que um pastor reformado com mais de 65 anos de idade, apesar de assinalar que raramente exerce a prática do aconselhamento em seu trabalho, indicou que a frequência do aconselhamento é diária, o que configura uma contradição em suas respostas.

8 - Com que frequência você oferece aconselhamento/terapia ?

- | | | |
|-----------------------|---------------|-----|
| <input type="radio"/> | Diariamente. | 52% |
| <input type="radio"/> | Semanalmente. | 36% |
| <input type="radio"/> | Mensalmente. | 0% |
| <input type="radio"/> | Raramente. | 8% |
| <input type="radio"/> | Nunca. | 4% |

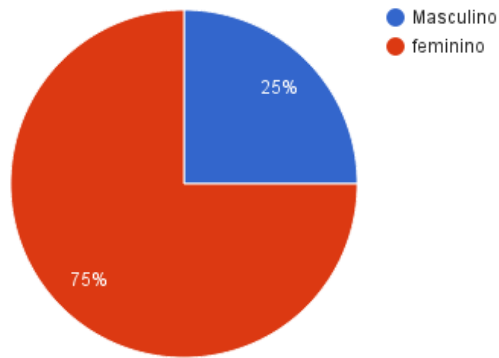


A pergunta de número nove investiga qual o maior público atendido e os resultados apontam que o maior público atendido é de mulheres jovens e crianças do sexo feminino, com 75% dos casos atendidos. Todos os pastores do sexo masculino indicaram que o público maior entre os atendidos é de mulheres, também os pastores do sexo feminino indicaram atendimento a homens. O que precisa ser observado com cuidado, considerando os riscos de transferências sexuais e mesmo manifestações de desejo de poder por parte dos conselheiros/terapeutas sobre seus aconselhados/pacientes.

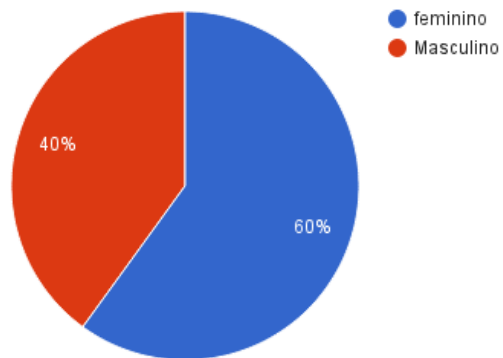
9 - Qual o maior público aconselhado?

	Masculino	feminino
Crianças	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Adolescentes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jovens	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Adultos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Idosos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

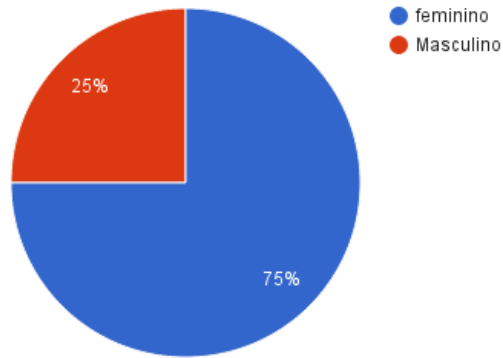
Crianças



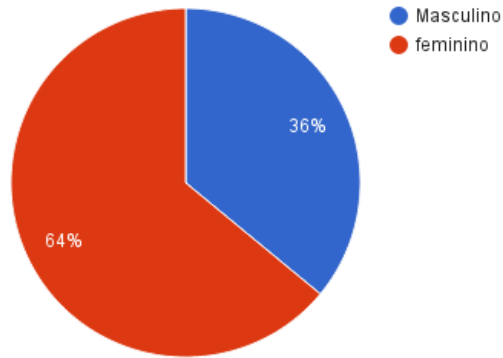
Adolescentes



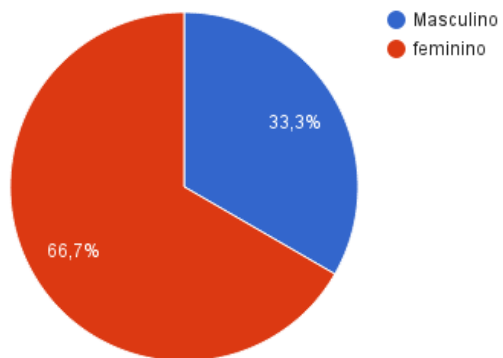
Jovens



Adultos



Idosos

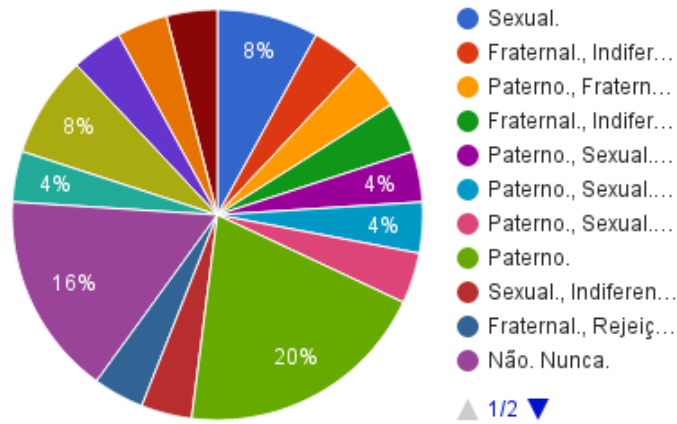


A pergunta de número dez considera as manifestações dos pacientes na relação com o terapeuta/pastor durante o atendimento e a pergunta de número onze observa a reação do profissional quanto à percepção das reações dos pacientes, os resultados destacam que doze (48%), perceberam interesse fraternal, onze (44%) perceberam interesse paterno, oito (32%), perceberam interesse sexual, seis (24%), perceberam indiferença, o mesmo ocorrendo em relação à rejeição, quatro (16%), perceberam manifestação persecutória e cinco (20%), nunca perceberam quaisquer manifestações.

Quanto à percepção de manifestações dos aconselhando/paciente, três pastores e seis psicólogos perceberam manifestação sexual; dois pastores e dez psicólogos perceberam manifestação paterna; quatro pastores e sete psicólogos perceberam manifestação fraternal; nenhum pastor e seis psicólogos perceberam manifestação de rejeição; dois pastores e quatro psicólogos perceberam manifestação de indiferença e quatro pastores e um psicólogo assinalaram nunca ter percebido qualquer tipo de manifestação. Destaca-se também que 87% trataram da questão, enquanto que 8,7% se esquivaram e 4,3% ignoraram.

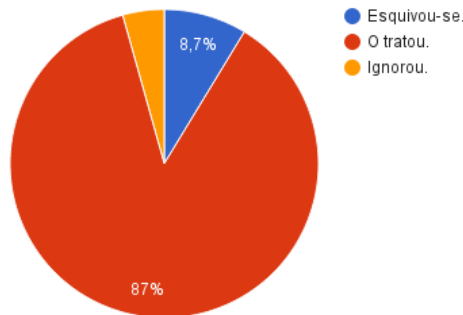
10 - Algum aconselhando/paciente já manifestou interesse por você? Como:

<input type="checkbox"/> Paterno.	44%
<input type="checkbox"/> Sexual.	32%
<input type="checkbox"/> Fraternal.	48%
<input type="checkbox"/> Persecutório.	16%
<input type="checkbox"/> Indiferença.	24%
<input type="checkbox"/> Rejeição.	24%
<input type="checkbox"/> Não. Nunca.	20%



11 - Como você reagiu ao interesse?

- Ignorou. 4.3%
- O tratou. 87%
- Esquivou-se. 8.7%



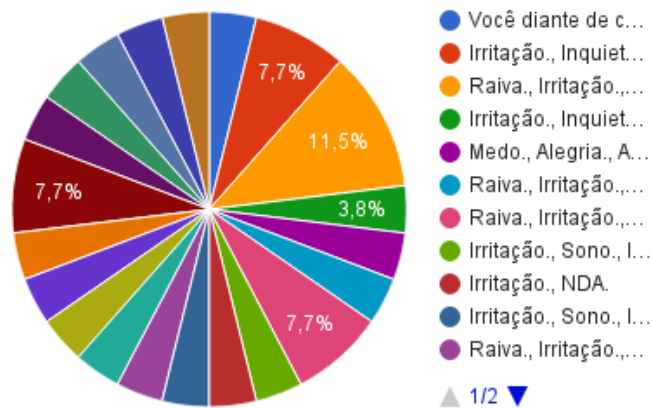
A pergunta de número doze investiga os incômodos percebidos pelo terapeutas/conselheiros durante os atendimentos e a pergunta de número treze investiga a reação do profissional em relação aos incômodos, os resultados apontam que quanto à percepção das reações e incômodos dos aconselhando/pacientes diante dos conteúdos trazidos, dezoito (72%), perceberam inquietações; dezesseis (64%), perceberam irritação;

treze (52%), perceberam satisfação; doze (48%), perceberam alegria; nove (36%), perceberam raiva; oito (32%), perceberam medo; sete (28%), perceberam sono e amor; três (12%), perceberam desejo sexual; dois (8%), perceberam insônia e dois (8%), não perceberam nenhuma manifestação.

As respostas apresentadas quanto às questões acima demonstraram equilíbrio das percepções entre pastores e psicólogos, observando apenas uma diferença na indicação da manifestação de irritação onde seis pastores e dez psicólogos assinalaram perceber tal manifestação, considerando que um dos pastores também é psicólogo e a percepção de desejo sexual é assinalada apenas por dois psicólogos e um pastor, sendo este também psicólogo. Considerando que alguns sentimentos como: inquietação, satisfação, sono e amor podem indicar manifestações libidinosas, o pequeno percentual relacionado ao desejo sexual pode ser falso, pois podem ser mecanismo de defesa contra tais desejos. Destaca-se, porém que vinte e dois participantes (95,7%), indicaram que trataram da questão.

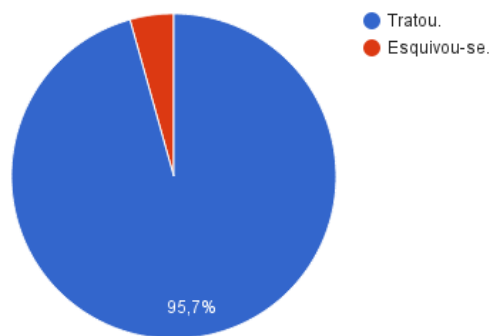
12 - Você diante de conteúdos trazidos pelos aconselhados/pacientes percebeu incômodo como :

<input type="checkbox"/> Raiva	36%
<input type="checkbox"/> Irritação	64%
<input type="checkbox"/> Desejo sexual	12%
<input type="checkbox"/> Medo	32%
<input type="checkbox"/> Sono	28%
<input type="checkbox"/> Insônia	8%
<input type="checkbox"/> Inquietações.	72%
<input type="checkbox"/> Alegria.	48%
<input type="checkbox"/> Amor.	28%
<input type="checkbox"/> Satisfação.	52%
<input type="checkbox"/> NDA.	8%



13 - Diante do sentimento, qual a sua atitude?

- Ignorou. 0%
- Tratou 95.7%
- Esquivou-se. 4.3%



Na pergunta de número quatorze, Quanto à auto percepção dos sentimentos dos pastores e psicólogos em relação aos aconselhados/pacientes, observa-se nos resultados obtidos nas respostas que dezessete (68%), sentiram irritação; treze (52%), sentiram

inquietação; doze (48%), sentiram sono; sete (28%), sentiram medo; quatro (16%), sentiram desejo sexual e três (12%), assinalaram não terem sentido nada por algum aconselhando/paciente.

Observa-se equilíbrio nas respostas acima destacando apenas a diferença de sentimentos entre pastores e psicólogos apontadas na pesquisa em relação à irritação, doze psicólogos assinalaram tal sentimento enquanto que cinco pastores indicaram esta resposta e quanto à inquietação, nove pastores indicaram o sentimento enquanto que quatro psicólogos indicaram esta resposta. Também, em relação à raiva, apenas um pastor indicou tal sentimento, enquanto que cinco psicólogos o fizeram. Estas respostas podem indicar influência religiosa, considerando que sentimentos como irritação e raiva são reprimidos nos ambientes e nas doutrinas religiosas. Porém, inquietação aparece em nove dos onze pastores participantes, o que pode novamente indicar repressão ou negação dos sentimentos para atender a princípios religiosos. Destaca-se também que o desejo sexual foi indicado por dois pastores e dois psicólogos, sendo que um dos dois psicólogos que indicaram o desejo sexual também é pastor.

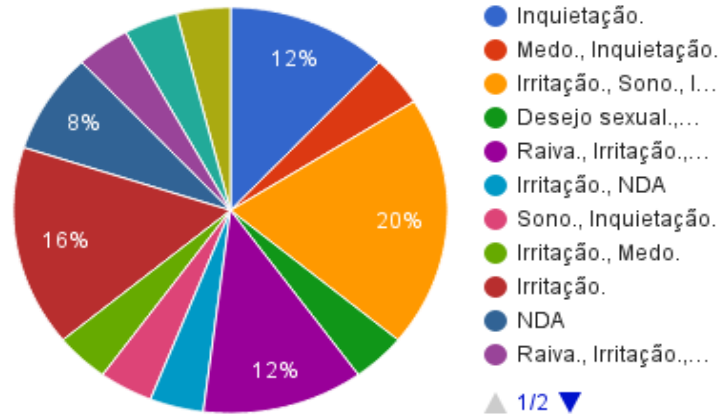
Craig (2004) afirma que, “É comum brotar desejos sexuais entre paciente e analistas[...] Já é lugar comum notar que as mulheres costumam ter desejos sexuais e fantasias em torno do analista”. Porém, entende que este fato não se dá apenas a partir dos pacientes, continua, “Mas há menos disposição para se discutir o fato de que os analistas também costumam tecer fantasias sexuais em torno de seus pacientes”. (P. 61)

A baixa indicação de desejo sexual nas respostas dos participantes pode contrastar com a indicação de inquietações por parte dos pastores, pois as inquietações podem esconder cargas libidinais voltadas para o aconselhando que podem ser mascaradas sob um mecanismo de negação, considerando a possibilidade de repressão religiosa quanto aos desejos e fantasias sexuais. Outros sentimentos como raiva, irritação, medo e sono também podem camuflar ou negar desejos e fantasias sexuais proibidas e reprimidas. Porém, é importante frisar que 86,4% dos participantes indicaram que trataram dos sentimentos percebidos e que dois pastores e um psicólogo indicaram não ter percebido quaisquer destes sentimentos em relação a seus aconselhando/paciente, conforme respostas à pergunta de número quinze.

14 - Você já sentiu por um aconselhando/paciente:

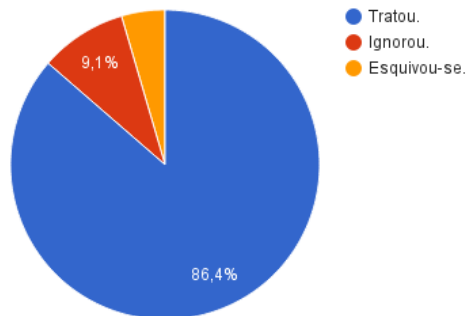
- | | | |
|--------------------------|----------------|-----|
| <input type="checkbox"/> | Raiva. | 24% |
| <input type="checkbox"/> | Irritação. | 68% |
| <input type="checkbox"/> | Desejo sexual. | 16% |

<input type="checkbox"/>	Medo.	28%
<input type="checkbox"/>	Sono.	48%
<input type="checkbox"/>	Inquietação.	52%
<input type="checkbox"/>	NDA.	12%



15 - Diante do sentimento qual sua atitude?

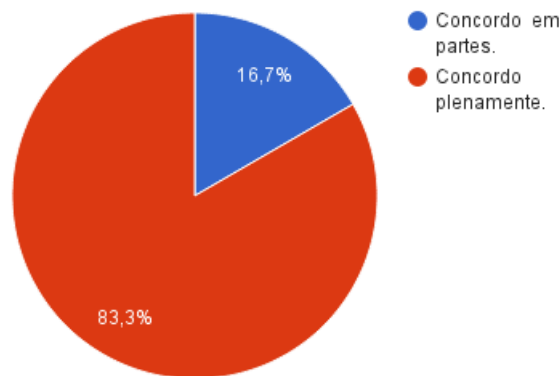
<input type="radio"/>	Ignorou.	9.1%
<input type="radio"/>	Tratou.	86.4%
<input type="radio"/>	Esquivou-se.	4.5%



As respostas à pergunta de número dezesseis sobre a concordância dos profissionais em relação à psicoterapia como auxílio ao tratamento de pessoas em sofrimento, as respostas indicaram que nenhum dos participantes assinalou “discordo”, apenas quatro pastores discordam em partes, sendo todos de orientação reformada, indicando que os pastores pentecostais não apresentam dúvidas em relação à psicoterapia, enquanto que os outros vinte e um participam concordam plenamente.

16 - Você acha que a psicoterapia pode ajudar no tratamento de pessoas em sofrimento?

<input type="radio"/>	Concordo plenamente,	83.3%
<input type="radio"/>	Concordo em partes.	16.7%
<input type="radio"/>	Discordo.	0 %
<input type="radio"/>	Discordo em partes.	0%
<input type="radio"/>	Neutro.	0%

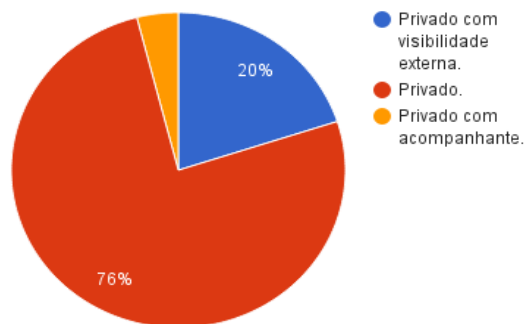


Quanto à pergunta dezessete, os resultados apontaram que no atendimento ao paciente/aconselhando, dezenove participantes (76%), indicaram que o atendimento é privado; cinco (20%), indicaram atendimento privado com visibilidade externa; um (4%), indicou atendimento privado com acompanhante, enquanto que nenhum participante indicou atendimento público. Observa-se que os cinco participantes que indicaram atendimento privado com visibilidade externa são pastores, sendo quatro de orientação reformada, o que pode indicar um padrão de comportamento que se preocupa com o olhar e julgamento do

outro em relação às suas ações no atendimento pastoral. Um pastor pentecostal do sexo feminino indicou atendimento privado com acompanhante.

17 - O atendimento ao paciente/aconselhando é:

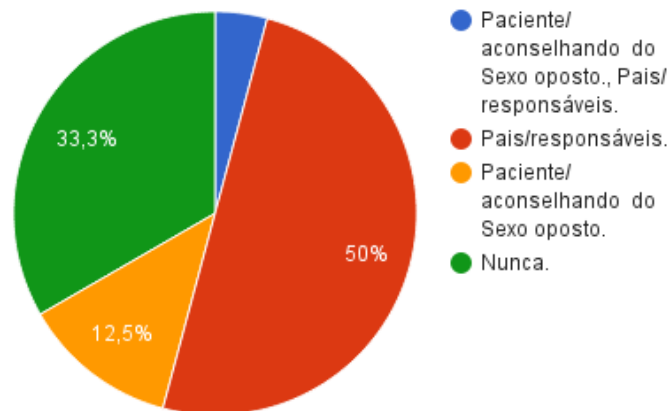
<input type="radio"/>	Privado	76%
<input type="radio"/>	Privado com acompanhante.	4%
<input type="radio"/>	Privado com visibilidade externa.	20%
<input type="radio"/>	Publico.	0%



Sobre o atendimento na presença de um terceiro, questionado na pergunta de número dezoito, treze participantes (54,4%), indicaram que fazem na presença dos pais ou responsáveis; oito (33,3%), nunca solicitam a presença de um terceiro e quatro (16,7%), indicam a presença de um terceiro no atendimento à pessoa do sexo oposto. Destaca-se que apenas os pastores indicaram a necessidade de acompanhante no atendimento a pessoas do sexo oposto e nove psicólogos solicitam a presença dos pais ou responsável enquanto tal solicitação é feita por quatro pastores.

18 - Em que situação o atendimento é realizado com a presença de um terceiro ?

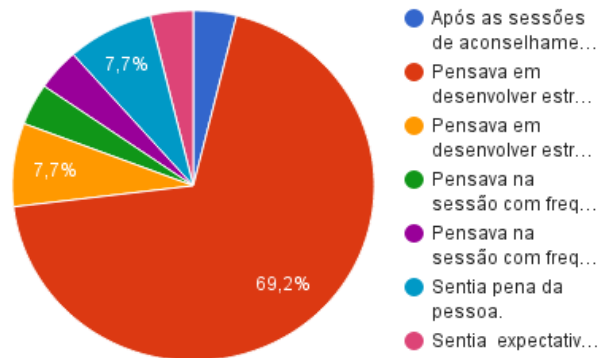
<input type="checkbox"/>	Nunca.	33.3%
<input type="checkbox"/>	Paciente/aconselhando do Sexo oposto.	16.7%
<input type="checkbox"/>	Sempre.	0 %
<input type="checkbox"/>	Pais/responsáveis.	54.2%



A pergunta de número dezenove investiga sobre os sentimentos dos terapeutas/conselheiros após as sessões e as respostas à questão indicaram que vinte e um (84%), pensava em desenvolver estratégias para ajudar a pessoa; quatro (16%), sentiam expectativa em relação à próxima sessão; duas (8%), pensavam na sessão com frequência e duas (8%), sentia expectativa em relação à próxima sessão. Destaca-se a preocupação dos participantes em desenvolver estratégias de ajuda à pessoa e a expectativa que quatro afirmaram sentir em relação à próxima sessão, o que pode indicar manifestação de contratransferência em relação ao aconselhando/paciente. Destaca-se ainda que dois pastores de orientação reformada indicaram sentir pena da pessoa, o que também pode indicar manifestação de contratransferência.

19 - Após as sessões de aconselhamento/terapia você:

- | | | |
|--------------------------|--|-----|
| <input type="checkbox"/> | Pensava na sessão com frequência. | 8% |
| <input type="checkbox"/> | Pensava em desenvolver estratégias para ajudar a pessoa. | 84% |
| <input type="checkbox"/> | Pensava em desistir do tratamento/aconselhamento. | 0% |
| <input type="checkbox"/> | Sentia pena da pessoa. | 8% |
| <input type="checkbox"/> | Sentia expectativa em relação a nova sessão. | 16% |
| <input type="checkbox"/> | Não pensava na pessoa ou no tratamento/aconselhamento. | 0% |

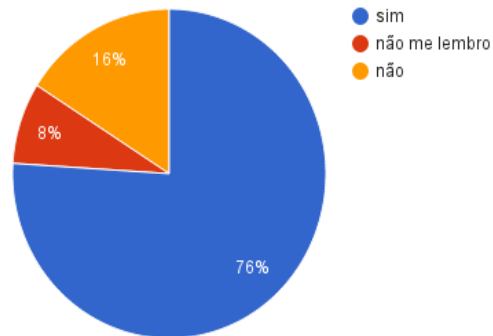


Na questão sobre experiências dos aconselhando/pacientes semelhantes às vividas pelos conselheiros/terapeutas na pergunta de número vinte, os resultados indicam que dezenove (76%) dos participantes afirmaram que já atenderam pessoas que apresentaram experiências semelhantes às vividas por eles, enquanto que quatro (16%), não atenderam e dois (8%), afirmaram não se lembrar. Percebe-se que algumas experiências podem ser semelhantes às vividas pelo outro, o que indica a necessidade de terapia ou supervisão profissional que, em resposta à pergunta de número vinte e um foi indicado por quatorze (58,3%) dos participantes, enquanto que dois pastores (8,3%), procuraram atendimento pastoral; três (12,5%), ignoraram e cinco (20,8%), afirmaram não ter passado por tal situação.

Pode-se inferir que nos casos que afirmaram não se lembrar, um psicólogo e pastor, há a possibilidade da manifestação do esquecimento que é um mecanismo de defesa.

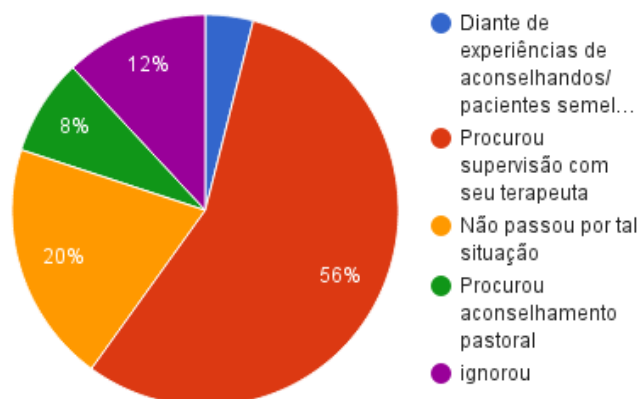
20 - Você já atendeu algum aconselhando/paciente que apresentou experiência semelhante às que você já viveu?

- | | | |
|-----------------------|---------------|-----|
| <input type="radio"/> | sim | 76% |
| <input type="radio"/> | não | 16% |
| <input type="radio"/> | não me lembro | 8% |



21 - Diante de experiências de aconselhados/pacientes semelhantes às vividas por você, você:

- ignorou 12.5%
- Procurou aconselhamento pastoral 8.3%
- Procurou supervisão com seu terapeuta 58.3%
- Não passou por tal situação 20.8%



Com base nas respostas às questões do questionário de múltipla escolha sobre o trabalho de pastores e psicólogos no que diz respeito ao aconselhamento/terapia, pode-se inferir que o psicólogo está mais sujeito à manifestação da transferência e da contratransferência em seu trabalho, porém é importante destacar que o fenômeno também pode ocorrer entre os pastores e, considerando a formação acadêmica e que os conceitos de transferência e contratransferência são matérias encontradas apenas na grade curricular da formação do psicólogo, pode-se afirmar que os riscos de tais manifestações causarem dificuldades e ocasionais prejuízos ao desenvolvimento do trabalho são maiores aos pastores, visto que os psicólogos estão preparados para identificar e tratar de tais manifestações, ainda que isto não o exima de buscar aperfeiçoamento para ampliar o conhecimento, bem como a buscar por terapia pessoal a fim de perceber e lidar com as próprias demandas. Assim também o pastor necessita de maior investimento na formação e no cuidado pastoral, familiar e emocional.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme destacado nas reflexões apresentadas no presente trabalho que foram corroboradas com a pesquisa realizada, pode-se afirmar que o sofrimento acompanha e permeia toda a vida do ser humano podendo ser percebido em todas as áreas relacionais, com ele mesmo, com a natureza e com o outro. É preciso cuidado e amparo e a psicologia e a igreja, entre outras instituições de apoio e cuidado, se apresentam como agentes de cuidado e amparo ao que sofre. Porém, é necessário preparo e manejo para executar tão importante tarefa.

É preciso pesquisar a fim de se encontrar a fonte do sofrimento e os motivos que desencadeiam os comportamentos, não para punir ou castigar, mas para ajudar na promoção de reflexão e libertação do sofrimento. Igreja e psicologia olham para o mesmo objeto e têm interesse em ajudar, porém, enquanto a igreja observa o pecado como causa espiritual de determinados comportamentos que destoam dos mandamentos bíblicos, a psicologia investiga possíveis causas, não apenas espirituais, que podem levar o indivíduo a cometer determinado comportamento. Ambos tentam ajudar e oferecer a libertação para o sofrimento. É importante então que cada um entenda o seu papel no cuidado para com o outro e procure cumpri-lo com alteridade e compromisso.

A análise dos resultados da pesquisa feita com pastores e psicólogos apontou para a diferença na formação dos profissionais, principalmente no que diz respeito ao cuidado e tratamento oferecido, bem a compreensão desenvolvida por cada profissional diante dos eventos vivenciados. O olhar de cada profissional tem uma base em sua formação acadêmica e, em alguns casos também religiosa. O preparo para lidar com o sofrimento pode ser diferente. Tomando como exemplo problemas emocionais, suas causas e consequências observa-se diferença no olhar do conselheiro e ou terapeuta.

Deus (2015), em artigo denominado “Problemas emocionais do Pastor”, tece algumas considerações sobre as emoções, suas causas e consequências, bem como aos desejos ligados a elas.

“Existe, portanto um diálogo constante na mente, desejo e a possibilidade ou não de sua realização no mundo exterior mediado pelo cérebro pré-frontal onde se alojam nossas funções lógicas, racionais, escalas de valores compreendidos os valores éticos e morais. O resultado deste diálogo que é um dinamismo, que produzirá a emoção.” (DEUS, 2015, P. 1)

Os termos utilizados acima indicam que se trata de uma reflexão científica e não religiosa, portanto o olhar é diferente do olhar de um religioso. O conselheiro religioso considera a possibilidade de pecado na realização de alguns desejos, oferecendo aconselhamento bíblico com possibilidade de correção e disciplina, enquanto que o psicólogo pode não considerar o pecado como a causa do sofrimento, mas possivelmente como consequência de uma repressão religiosa ou familiar.

Deus (20015), ainda cita as emoções passionais que invadem o cérebro com paixões incontroláveis que podem levar a pessoa a atitudes desastrosas. Tais atitudes são inconcebíveis no ambiente religioso ou, às vezes como desvio na espiritualidade ou possessões demoníacas, enquanto que um psicólogo pode considerar o evento como dado para investigação de um sofrimento psíquico inconsciente. Inconsciente que é considerado importante para alguns psicólogos e não necessariamente pelos pastores.

Outro mecanismo importante observado e estudo pelos psicólogos é o superego que, no caso de pacientes religiosos pode ser atuante ou rígido configurando-se com agente repressor, o que não considerado por alguns pastores, porém, a análise dos resultados da pesquisa levanta a possibilidade, a partir de respostas oferecidas pelos participantes de que o superego pode ser rígido e repressor na mediação dos relacionamentos.

Como destacado anteriormente, as diferenças existem, porém elas podem ser celebradas se cada um atentar para a sua formação e função. Alguns profissionais são apenas conselheiros religiosos, outros são apenas psicoterapeutas, enquanto que alguns, como dois dos participantes da pesquisa e o próprio pesquisador, cumprem as duas funções com formação em teologia e psicologia.

A maneira de celebrar as diferenças pode ser o investimento na formação dos pastores na área do aconselhamento e também oferecer conhecimentos religiosos na formação dos psicólogos, mesmo que não professem nenhum dogma religioso ou de fé. Porém, é possível encontrar dificuldades, mesmo com a adequação na formação acadêmica. Deus (2015), faz críticas a formação religiosa,

“...existe uma falha grave curricular na formação acadêmica do pastor, que não é instrumentalizado em matérias psíquicas como já advertia Jung. Portanto a falha não é do pastor, mas daqueles que por falta total de visão organizam os currículos nos seminários. Alguns deles por total ignorância acadêmica tem reservas em relação à psicologia, como se ela pudesse ameaçar a fé cristã reformada”. (DEUS, 2015, P. 10)

Além da formação acadêmica, destaca-se também a necessidade de terapia para aqueles que lidam com pessoas em sofrimento, sejam psicólogos ou pastores, o resultado da

pesquisa mostra que os psicólogos buscam supervisão diante de situações que possam oferecer dificuldades, enquanto que alguns pastores buscam ajuda pastoral. Os conselheiros, pastores ou psicólogos podem encontrar pessoas com dificuldades, sofrimentos, instabilidades emocionais, religiosas entre outras dificuldades que podem facilitar a manifestações da transferência e da contratransferência na relação do profissional, pastor ou psicólogo com o aconselhando/paciente.

Diante dos resultados obtidos pela pesquisa e com base nas teorias apresentadas, pode-se inferir que os conceitos de transferência e contratransferência podem se manifestar no ministério pastoral, o que aponta para a necessidade de cuidados para com o pastor e maior investimento em sua formação acadêmica afim de que tais conceitos sejam conhecidos e entendidos, conforme hipótese levantada no início da pesquisa.

O trabalho não é conclusivo, porém pode abrir um leque para novas pesquisas na área, promovendo reflexões sobre o aconselhamento no ministério pastoral, na psicologia e em diversos ambientes e profissionais ligadas ao cuidado e contato com as pessoas, o que é de grande importância na busca por uma melhor qualidade de vida e cura para as angustias e sofrimento.

8 GLOSSÁRIO

Transferência: Atitudes, sentimentos e fantasias que um paciente experimenta, na situação analítica, em relação ao seu médico, muitas das quais emergem, de modo aparentemente irracional, de suas próprias necessidades inconscientes e conflitos psicológicos, em vez das circunstâncias reais de suas relações com o analista. Por exemplo: o paciente pode atribuir, inconscientemente, características de seu pai, mãe, irmãos, etc. ao analista, enquanto este representará qualquer dessas pessoas em relação ao paciente.

9 -REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRAL, A; NICK, E. **Dicionário Técnico de Psicologia**. São Paulo: Ed. Cultrix, 2º ed.
- CAMARO, C. Aconselhamento Cristão – Desafios e perspectivas. **Revista Teológica**. **Volume 58**, São Paulo, set – dez/1997. P. 45-54.
- COLLINS, G.R; **Aconselhamento Cristão**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1984.
- CRAIG, A. G. **O Abuso do Poder na Psicoterapia** e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério. São Paulo.Paulus,2015.
- LAPLANCHE, J. **Vocabulário da Psicanálise** / Laplanche e Pontalis; sob a direção de Daniel Lagache; São Paulo, Martins Fontes, 1992. P. 514
- DEUS, P. G. **Problemas emocionais do pastor**. Artigo; São Paulo, 2015.
- EYRICH, H; HINES, W. **Cura para o coração**. Tradução Wadislau Martins Gomes; São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2007, p. 74.
- FERENCZI, S. **Obras Completas**. Tradução Alvaro Cabral; São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FREUD, S. Seleção de textos de Jayme Salomão; tradução de Durval Marcondes (et. Al – São Paulo: Abril Cultural, 1978) . **(Os pensadores)**
- FREUD, S. (1930 {1929}). Mal estar na civilização. **In: S. Freud. Edições standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. 21**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006, p. 85.
- FREUD, S. (1923 {1922}). Dois verbetes de enciclopédia. **In: S. Freud. Edições standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. 18**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006, p. 263.
- FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. **In: S. Freud. Edições standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. 18**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006, p. 105.
- HORNSTEIN, L. **Introdução à Psicanálise**. São Paulo: Ed. Escuta, 1989.
- LINS, Maria I. A. **Consultas Terapêuticas**; São Paulo: Casa do Psicólogo. 2006.
- MINERBO, Marion. **Transferência e Contratransferência**; São Paulo: Casa do Psicólogo. 2012.
- MOLOCHENCO, S. **Curso Vida Nova de Teologia Básica**. São Paulo: Vida Nova. 2008.
- STEIN, M.; SALANT N. S. **Transferência Contratransferência**. São Paulo: Editora Cultrix.1992.